

2ª PARTE

ESTUDOS

Homenagem a Otacílio de Azevedo, nos seus 120 Anos

Sânzio de Azevedo

No dia 10 de dezembro de 2012, falei sobre meu Pai nos seus 120 de nascimento, mas o fiz de improviso. Agora procurarei lembrar o que disse naquela ocasião, a convite da minha colega e amiga Angela Gutiérrez, Diretora Cultural da Academia Cearense de Letras.

Às vezes diz-se que um escritor foi autodidata por ter cursado apenas o primário ou o ensino médio. Otacílio de Azevedo, meu Pai, só pisou numa escola uma vez. Contava ele que os meninos usavam alpercatas e ele, não tendo coisa melhor para fazer, pôs uma pena Mallat entre os dedos e ficou cutucando os calcanhares dos colegas da frente. Descoberta a travessura, a professora deu-lhe um carão e escreveu alguma coisa no quadro negro. Como ele não sabia ainda ler, perguntou a um colega mais adiantado o que estava escrito, e ele disse: "O Otacílio vai ser preso na latrina." O menino Otacílio pulou a janela e nunca mais pisou na escola. Morreu sem saber se estava mesmo escrito o que lhe disseram...

Depois, aprendeu a ler com o irmão mais velho, Júlio Azevedo (hoje nome de rua em Fortaleza) e, com o tempo, lia muito, daí se tornar um poeta, com mais de dez livros publicados.

Conversávamos muito sobre literatura, e eu me lembro de que uma vez ele me contou que, ao publicar seu segundo livro, *Alma ansiosa*, em 1918, Clóvis Monteiro, que o havia defendido, nos jornais, das agressões de um cidadão que o chamara de plagiário, comentou com ele um soneto em versos alexandrinos, "A Alguém". Clóvis Monteiro, grande cultura de filólogo, que chegaria a ser professor no Rio de Janeiro, era desabusado e até um tanto pedante, mas tinha muito valor e escrevia versos. Nesse citado soneto de *Alma ansiosa* o terceto final diz:

Que eu seja desgraçado e sejas tu feliz;
— que outro te faça o bem que nunca me fizeste,
e que não faças nunca o mal que te não fiz!

Note-se que no último verso usou o poeta uma inversão, que os gramáticos chamam de apossíncise (“que te não fiz”, em vez de “que não te fiz”). Pois bem, Clóvis Monteiro, diante desse verso escrito por um homem sem muito estudo, ficou profundamente admirado. Tentarei reproduzir o diálogo que, segundo meu Pai, houve entre os dois:

“— Otacílio, em matéria de conhecimento da nossa língua, você, diante de mim, é praticamente analfabeto, concorda?

“— Sim, sei disso.

“— Pois olhe, com todo o meu conhecimento de gramática e sendo também poeta, vou morrer sem fazer um verso como este!”

No seu livro *Fortaleza descalça*, publicado postumamente, o poeta, por pudor talvez, não conta esse episódio no capítulo que dedica a Clóvis Monteiro...

Por mais de uma vez o autor de *Alma ansiosa* revelou que escrevia sempre andando. E uma tarde, por volta de 1956 ou 57, quando comecei a fazer meus primeiros poemas, abancado a uma mesa, com papel, lápis e borracha, confessei que iria escrever um soneto a Fortaleza. Já contei essa história em um livro, mas não custa repeti-la aqui:

Meu Pai declarou: “Se eu me sentar para escrever poesia, não sai coisa nenhuma!” E pôs-se a andar, do quintal para a porta da rua, da porta da rua para o quintal. Resultado: a minha desistência, quando o poeta me deu um papel com este soneto, que ele compusera, despertando as lembranças dos tempos idos:

Ainda contemplo, ó linda Fortaleza,
nos sorrisos de sol que, ora, desatas,

a antiga Canaã num sonho, presa
ao choro dos violões das serenatas...

Calçadas desiguais... A tela acesa
do Cinema Meireles... E retratas
a minha mocidade de tristeza
quando andavas, outrora, de alpercatas...

Ó Fortaleza dos Gatos Pingados,
dos congos, dos fandangos, dos reisados,
dos verdadeiros poetas sonhadores...

E onde, cabelos a revoar, dispersos,
eu escrevia meus primeiros versos,
ao rosário de luz dos combustores!

De longe o mais famoso poema de Otacílio de Azevedo é o soneto "Carro de Bois", às vezes citado como sendo de *Alma ansiosa*. Na verdade, ele figura na segunda edição do livro, de 1955, depois de haver figurado em *Réstia de sol*, de 1942. Foi composto nos anos 20 do século passado, e penso que apareceu em letra de fôrma, pela primeira vez, na coletânea *A Poesia cearense no Centenário* (1922), organizada por Sales Campos. Tendo sofrido poucas alterações, reproduzo-o de *Réstia de sol* e da 2ª edição de *Alma ansiosa*:

Rodam, tardas, gemendo, as rodas, arrastando
os pesados pranchões de pau-d'arco. Angustiado,
ora altivo e roufenho, ora moroso e brando,
todo o carro de bois é um soluço abafado...

À hora viúva e glacial do crepúsculo, quando
o sol desce, o seu canto é tão doce e magoado
que ora nos prende à terra, ora nos vai levando
na asa de oiro de um sonho a um longínquo passado.

Choram, tristes, à frente, os bois mortos de sono...
Há uma vaga tristeza, uma ansiedade em tudo
e a paisagem dir-se-ia um pôr de sol, no outono...

Oh! Natureza-Mãe! sei quanto sofres, pois
vejo, ansioso, rolar todo o teu pranto mudo
pelos bons olhos melancólicos dos bois...

O poeta dizia de si mesmo ser um parnasiano-simbolista, e esse soneto demonstra isso: é uma página descritiva à maneira parnasiana, mas cheia de fluidez, de reticências, enfim, de uma atmosfera típica do Simbolismo. O verso final, por exemplo, à maneira de alguns de Emiliano Pernetá e Alphonsus de Guimaraens, não tem a clássica cesura medial, e isso trouxe tristeza ao autor, pois, premiado em 3º lugar num concurso promovido em 1951 pela revista *Ilustração Brasileira* com o patrocínio da Federação das Academias de Letras do Brasil, teve seu último verso adulterado: acho até que alguém, movido pela melhor das intenções, mudou por sua conta o verso que considerou errado (apesar dos precedentes ilustres citados). O certo é que o verso saiu assim:

pelos olhos brumais e tristonhos dos bois...

Nunca vou esquecer a maneira como meu Pai demonstrava ao mesmo tempo alegria pela vitória conquistada e tristeza pela alteração que o soneto sofrera, e logo na chamada “chave de ouro”!

Quando o poeta esteve em Juazeiro do Norte, em 1924 ou 25, um tipógrafo seu conhecido pediu-lhe um poema para o jornal em que trabalhava, e que era de M. Diniz, por sinal poeta. Quando meu Pai foi rever a prova, o verso final havia sido alterado para:

Pelos olhos sem luz dos solitários bois...

O poeta rasgou o original e empastelou as matrizes tipográficas. Mas devo confessar que o verso de Juazeiro era menos ruim do que o do concurso do Rio...

Uma curiosidade: na primeira versão do soneto, o verso 3º era assim: "ora altivo e roufenho ora amoroso e brando". Na revista *Ceará ilustrado*, em novembro de 1924, o tipógrafo pôs "moroso" em vez de "amoroso" e o autor aceitou prontamente a emenda, tal como dizem ter ocorrido com o célebre poema da rosa efêmera de Malherbe...

Não quero terminar minhas palavras sem transcrever o soneto que meu amigo Linhares Filho (o maior poeta da minha geração) escreveu e intitulou "Ao Poeta e Pintor Otacílio de Azevedo". O autor já fez modificações em três lições desse texto, por isso vou lê-lo antes que ele o modifique de novo:

Poeta, também pintaste, com o poema,
a Natureza e as almas. Deslumbrado
ante o belo, o pincel fez-se-te o emblema
da arte, saindo de *dentro do passado*.

Mostraste a *alma ansiosa*, entanto o esquema
de vida teu foi teres cultivado
réstia de sol, luz tênue, mas extrema
salvação do poeta entediado.

És hoje *sugestão do luar*, depois
de a ânsia e o pranto exprimir do cata-vento
e decantar o carro e a dor dos bois.

trigo sem joio está lançado ao vento...
Da sinfonia que tua mão compôs,
bebe notas de cor meu gosto atento.

Linhares Filho usou, ao longo do soneto, sintagmas que são títulos de livros do poeta, como *Dentro do passado* (1916), *Alma ansiosa* (1918), *Réstia de sol* (1942), *Sugestão do luar* (1921) e *Trigo sem joio* (1986), sem falar nas alusões aos sonetos "O Cata-vento" e "Carro de bois".

No quarto volume de sua *História da literatura cearense* (1962), Dolor Barreira afirma: "Otacílio de Azevedo é verdadeiro poeta, um dos maiores de sua geração".

Apesar disso, em vida, o poeta de *Alma ansiosa* nunca foi agraciado com nenhuma comenda, medalha ou condecoração. É dos poucos intelectuais cearenses que jamais receberam qualquer tipo de honraria oficial. Teve, porém, pelo menos durante algum tempo, o reconhecimento da crítica e o aplauso dos leitores...